

Boletim Epidemiológico

SÍFILIS. Bahia, 2021

SECRETARIA
DA SAÚDE



**GOVERNO
DO ESTADO**

Nº 01, dezembro 2021



A sífilis é um agravo reconhecido secularmente, cujo agente etiológico foi descoberto em 1905, a bactéria *Treponema pallidum*. A infecção é sistêmica, crônica, curável e exclusiva do ser humano e, quando não tratada, evolui para variados estágios de gravidade. É transmissível principalmente por via sexual ou vertical (da gestante infectada para o filho). Em todas as formas de manifestação, a sífilis é de notificação compulsória, sendo que a **sífilis congênita** em todo o território nacional foi instituída por meio da Portaria N° 542 de 22 de dezembro de 1986; a **sífilis em gestantes** pela Portaria N° 33 de 14 de julho de 2005; e, por último, a **sífilis adquirida** através da Portaria N° 2.472 de 31 de agosto de 2010.

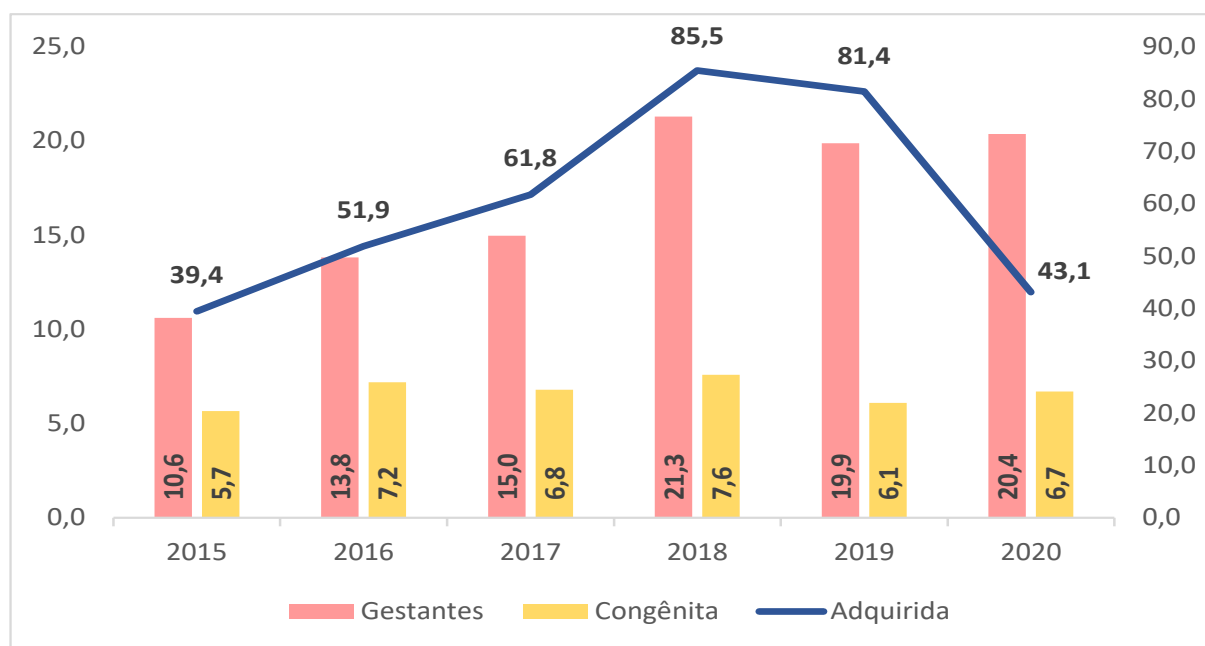
DEFINIÇÃO DE SÍFILIS ADQUIRIDA

Situação 01: Indivíduo assintomático, com teste não treponêmico reagente com qualquer titulação e teste treponêmico reagente e sem registro de tratamento prévio.

Situação 02: Indivíduo sintomático para sífilis, com pelo menos, um teste reagente treponêmico ou não treponêmico com qualquer titulação.

Na figura 1, observa-se a evolução das taxas de sífilis de 2015 a 2020 na Bahia. O SINAN registrou um aumento dos casos notificados de sífilis em gestantes e de sífilis congênita neste período, atingindo 20,4 casos em gestantes por 1000 nascidos vivos (NV) e 6,7 casos de sífilis congênita por 1000 NV, no último ano. No entanto, ao analisar as notificações de sífilis adquirida, nota-se um decréscimo acentuado de casos no ano de 2020. Acredita-se que este fato esteja relacionado com a dificuldade de acesso aos serviços de saúde em decorrência da pandemia da COVID-19 com restrições de circulação de pessoas e/ou reestruturação das unidades básicas para atendimento aos sintomáticos respiratórios no auge da pandemia, o que pode ter favorecido a baixa demanda aos serviços de saúde.

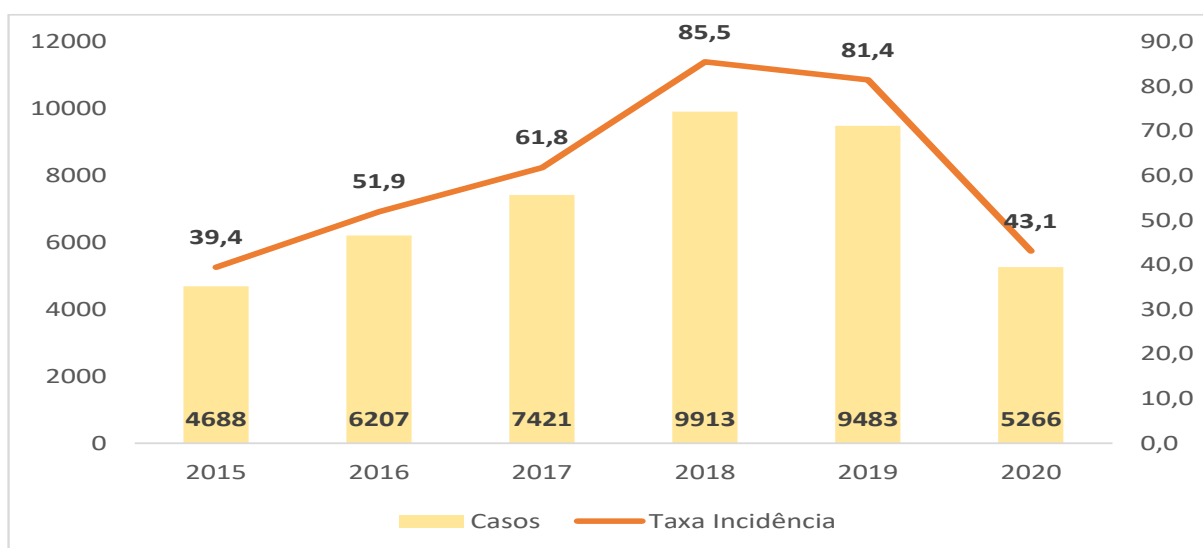
Figura 01: Taxa de detecção de sífilis adquirida (por 100 mil habitantes), taxa de detecção de sífilis em gestantes e de sífilis congênita (por 1.000 mil nascidos vivos), segundo ano de diagnóstico. Bahia, 2012 a 2020.



1- Sífilis Adquirida

Na Bahia, no período de 2015 a 2020, foram registrados no Sinan 42.978 casos de sífilis adquirida, onde observa-se a variação na taxa de detecção entre 39,4 casos /100 mil habitantes a 85.5 casos/100 mil habitantes. Nos anos de 2018 e 2019, observa-se estabilidade na taxa de detecção, o que denota continuidade de ações e sensibilização dos profissionais quanto à notificação do agravo. Porém em 2020, nota-se redução das notificações de 44,5% em relação a 2019 (Figura 2).

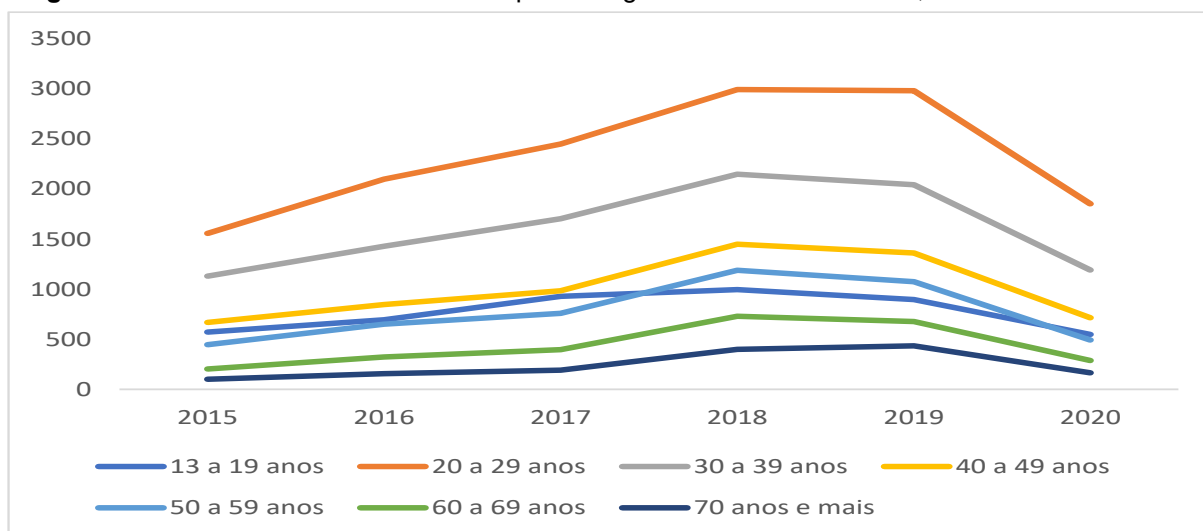
Figura 02: Casos de sífilis adquirida e taxa de detecção por 100.000 habitantes. Bahia, 2015 a 2020.



Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021

A figura 3 apresenta o número de casos da sífilis adquirida a partir de 13 anos de idade, segundo faixa etária, no período de 2015 a 2020. Observa-se um incremento de casos para todas as faixas etárias, ressaltando a tendência mais acentuada de aumento nas faixas etária de 20 a 29 anos seguido por aqueles de 30 a 39 anos, que apresentaram respectivamente taxas de detecção de 107 casos/ 100 mil habitantes e 89,4 /100 mil habitantes.

Figura 03: Número de casos de sífilis adquirida segundo faixa etária. Bahia, 2015 a 2020.

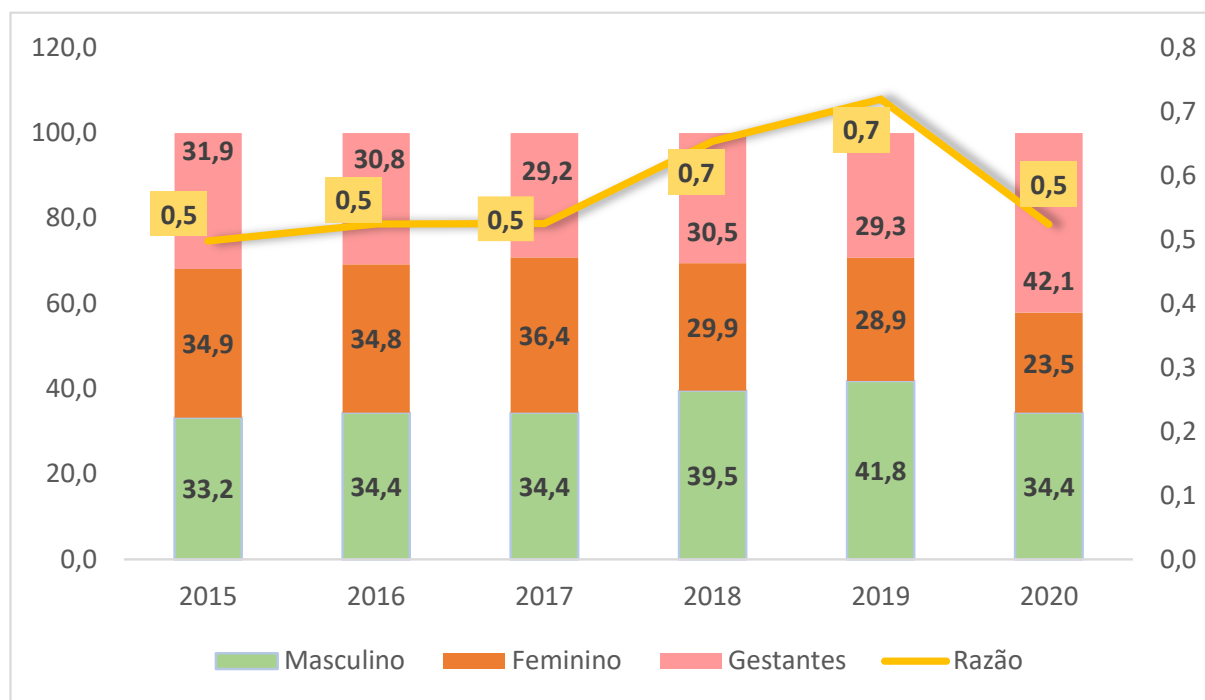


Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021



A Figura 4 apresenta os casos notificados de sífilis adquirida em homens e mulheres, incluindo os casos notificados em gestantes e razão de sexos por ano de diagnóstico na Bahia de 2015 a 2020. Observa-se que em 2020, 34,4% dos casos ocorreram em homens e 23,5 % em mulheres. Além disso, nota-se que 64,2% casos de sífilis em gestante. Assim, tem-se que os casos ocorrem mais em mulheres em relação aos homens.

Figura 04: Proporção de casos notificados de Sífilis Adquirida, segundo sexo, e de casos de sífilis em gestantes, e razão de sexo. Bahia, 2015 a 2020.



Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021

DEFINIÇÃO DE SÍFILIS EM GESTANTES

Situação 01: Mulher assintomática para sífilis, que durante o pré-natal, parto e/ou puerpério apresente pelo menos um teste reagente treponêmico e/ou não treponêmico com qualquer titulação e sem registro de tratamento prévio.

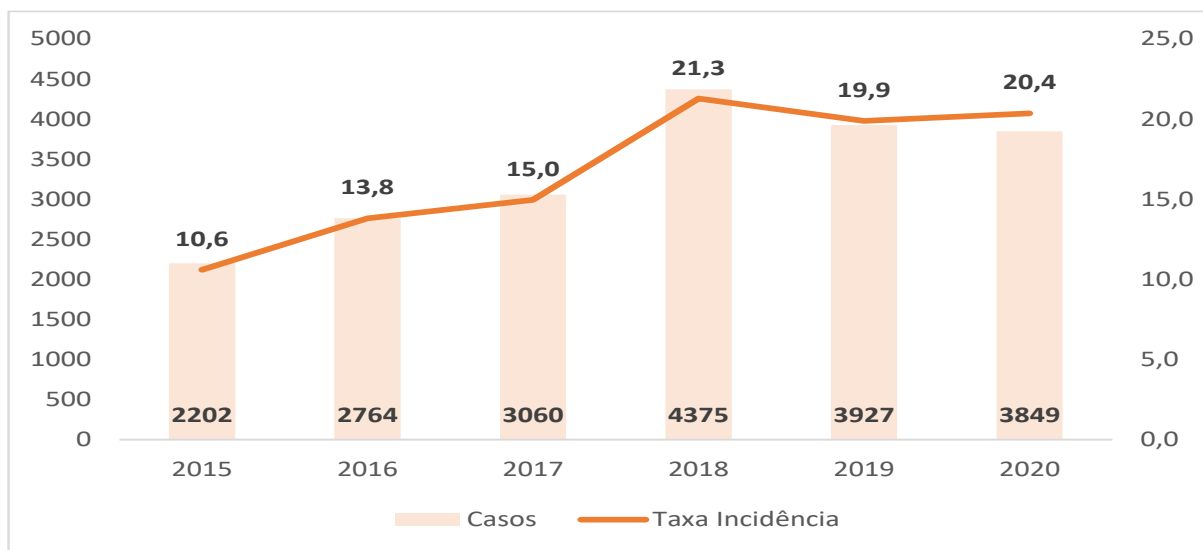
Situação 02: Mulher sintomática para sífilis, que durante o pré-natal, parto e/ou puerpério apresente pelo menos um teste reagente treponêmico e/ou não treponêmico com qualquer titulação.

Situação 03: Mulher que durante o pré-natal, parto e/ou puerpério apresente teste não treponêmico reagente com qualquer titulação E teste treponêmico reagente, independente de sintomatologia de sífilis e de tratamento prévio.

2- Sífilis em Gestantes

Na Bahia, no período de 2015 a 2020, foram notificados 20.177 casos de sífilis gestacional, com taxa de detecção variou de 10,6 a 21,3 casos de sífilis em gestante para cada 1.000 nascidos vivos, mantendo taxas equiparadas em 2020. Quanto a distribuição dos casos por Macrorregiões de saúde, nota-se por ordem decrescentes de casos, Leste (62,3%), Centro-Leste (50,9%), Sul (29,4%), Sudoeste (22,6%), Norte (12,3%), Nordeste (10%), Centro-Norte (6,7%), Oeste (6,5%) e Extremo-Sul (5,8%).

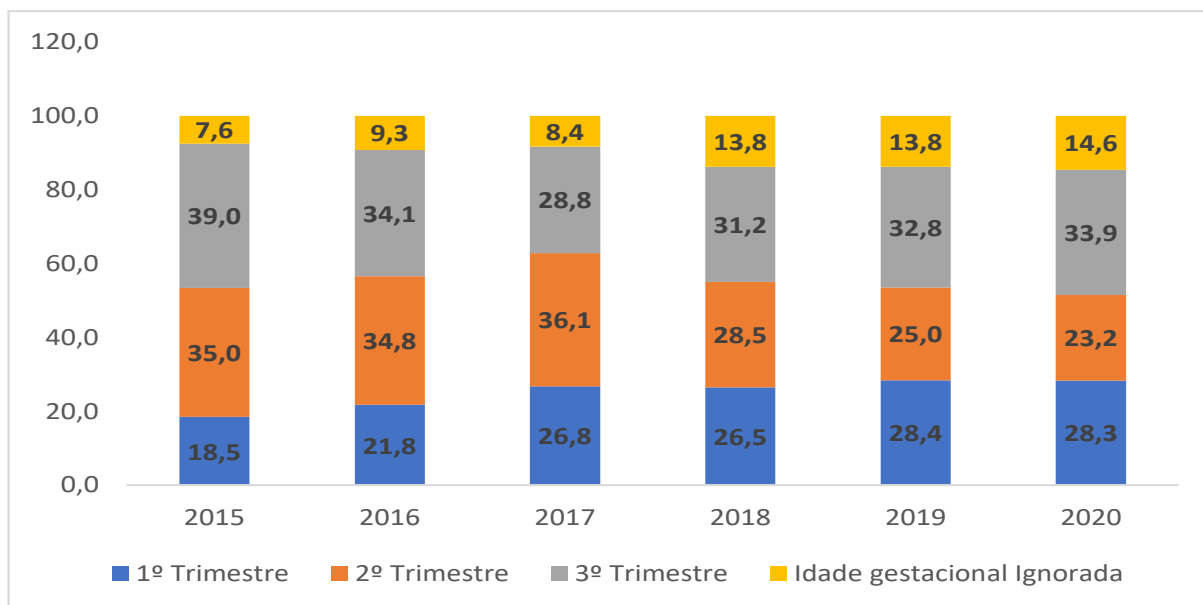
Figura 05: Taxa de detecção de sífilis em gestante (por 1.000 nascidos vivos). Bahia , 2015 a 2020.



Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021

Quando se avalia a idade gestacional de detecção da sífilis em gestantes, observa-se que, no período de 2012 a 2019, a frequência maior dos casos de sífilis em gestantes foi detectada tardiamente - 3º trimestre de gestação (figura 08), comprometendo a realização do tratamento adequado e em tempo oportuno para prevenção da transmissão vertical da sífilis.

Figura 06: Proporção de casos segundo idade gestacional no momento do diagnóstico da Sífilis e ano diagnóstico. Bahia, 2015 a 2020

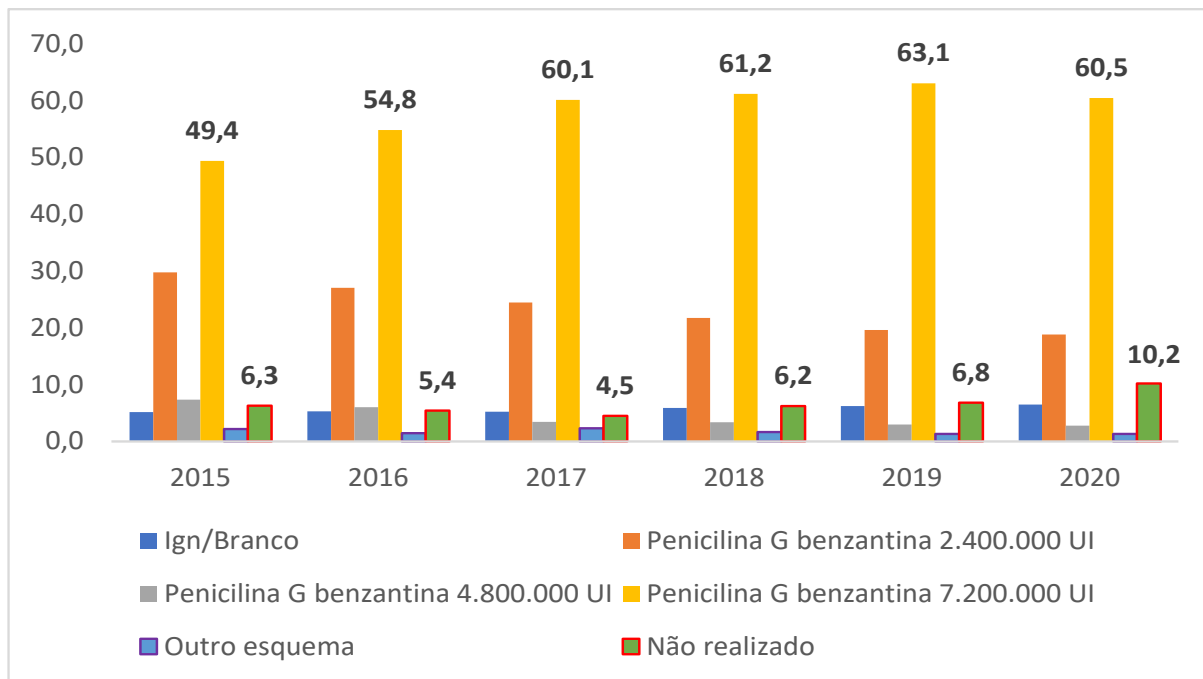


Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021



Com relação ao esquema de tratamento, entre 2015 a 2020, 60,5% das prescrições foram de penicilina G benzatina (três doses), Vale ressaltar que 10,2% das gestantes não realizaram tratamento (1359 casos) e, portanto, não conferiu proteção ao recém nascido, conforme figura 07.

Figura 7: Proporção de Gestantes diagnosticadas com Sífilis segundo esquema terapêutico. Bahia, 2020.



Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021

DEFINIÇÃO DE SÍFILIS CONGÊNITA

Situação 01: Todo recém-nascido, natimorto, aborto de mulher com sífilis não tratada ou tratada de forma não adequada.

Situação 02: Toda criança com menos de 13 anos de idade com pelo menos uma das seguintes situações:

Manifestação clínica, alteração líquórica ou radiológica de sífilis congênita E teste não treponêmico reagente; Títulos de teste não treponêmicos do lactente maiores do que os da mãe, em pelo menos duas diluições de amostra de sangue periférico, coletadas simultaneamente no momento do parto; Títulos de testes não treponêmicos ascendentes em pelo menos 2 diluições no seguimento da criança exposta; Títulos de testes não treponêmicos ainda reagentes após 6 meses de idade, em crianças adequadamente tratadas no período neonatal; Testes treponêmicos reagentes após 18 meses de idade sem diagnóstico prévio de sífilis congênita.* (Nessa situação, deve ser afastada a possibilidade de sífilis adquirida e situação de violência sexual.)

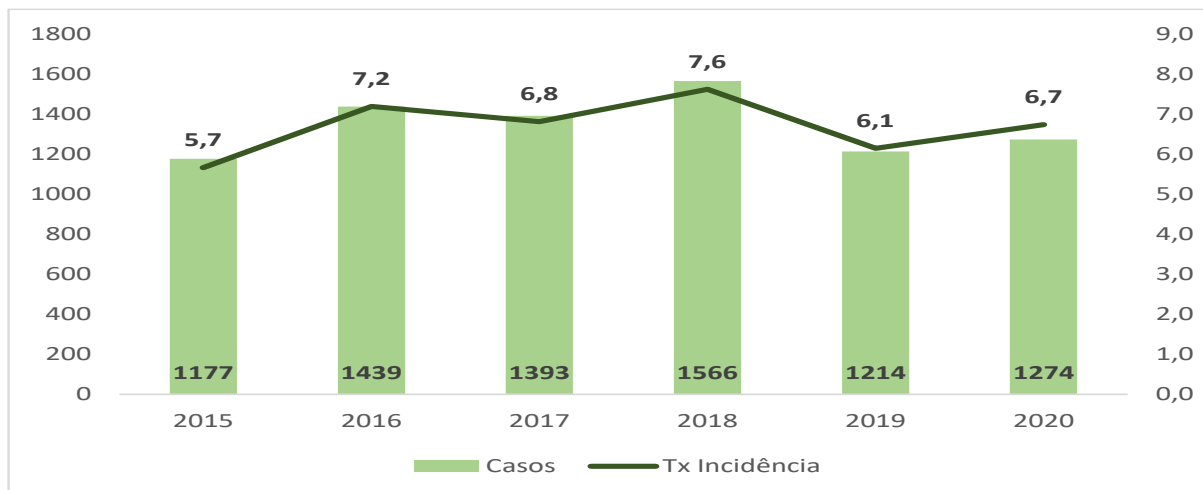
Situação 03: Evidência microbiológica de infecção pelo *Treponema pallidum*** em amostra de secreção nasal ou lesão cutânea, biópsia ou necropsia por microscopia de campo escuro ou com material corado. (** por meio de exames diretos por microscopia de campo escuro ou com material corado.)

3- Sífilis Congênita

Entre 2015 e 2020, foram notificados no Sinan 8.063 casos de sífilis congênita (SC) residentes na Bahia, os quais precisam de seguimento das crianças até 18 meses de idade e/ou no surgimento de sinais e sintomas sugestivos da sífilis em menores de 13 anos de idade.

Ao analisar a figura 08, observa-se um crescimento significativo no número de casos e taxa de incidência de sífilis congênita no Estado.

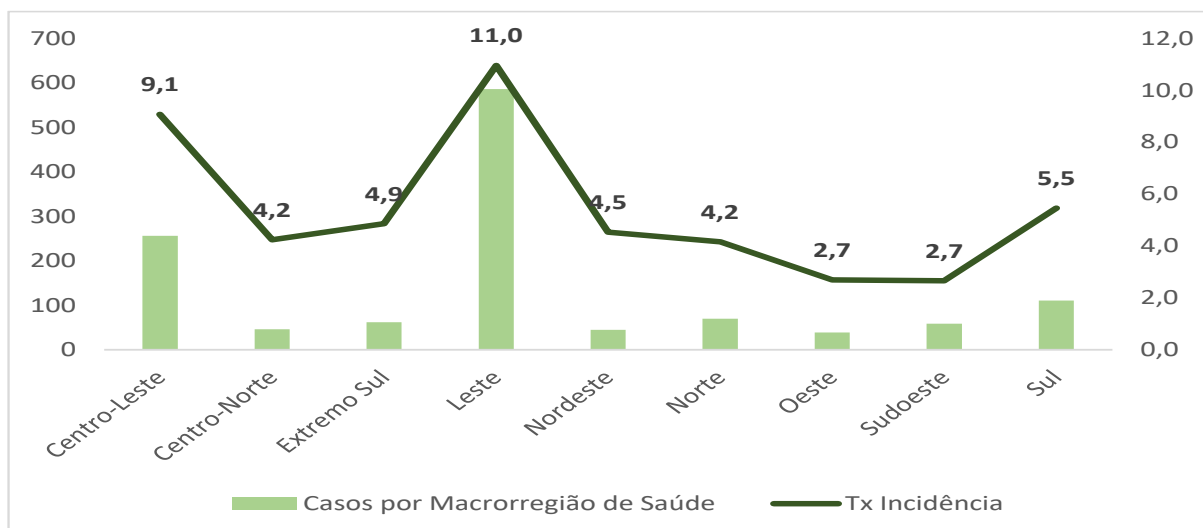
Figura 08: Casos e Taxa de detecção de Sífilis Congênita (1.000 NV) em menores de 13 anos, Bahia 2015 a 2020.



Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021

Ao analisar as macrorregiões de saúde, observa-se que a macro Leste concentra maior número de casos (586 casos), atingido taxa de incidência de 11 casos por 1000 nascidos vivos em 2020. Ademais, as macrorregiões que apresentaram taxas superiores à incidência estadual foram: Centro-Leste com 9,7 casos/ 1000 NV e macro Sul com 9,1 casos/1000 NV. Importante salientar, que em decorrência da pandemia, o incremento da frequência dos casos de sífilis congênita pode estar associado à baixa procura aos serviços de Pré-Natal, bem como ausência de busca ativa das gestantes, isolamento social e resguardo das gestantes frente ao risco de contaminação pelo COVID-19. Além disso, a baixa frequência dos casos nas demais macrorregiões podem denotar subnotificação dos casos.

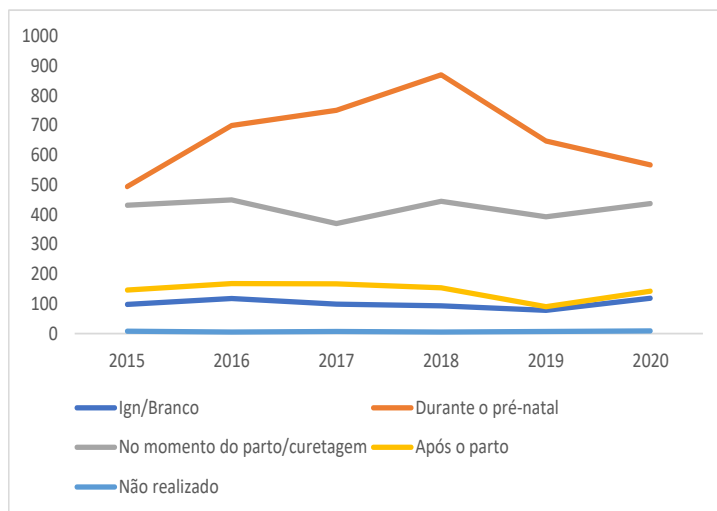
Figura 09: Taxa de Incidência de Sífilis Congênita (1.000 NV) segundo Núcleo Regional de Saúde de Residência. Bahia, 2020.



Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021



Figura 10: Proporção de Casos de Sífilis Congênita segundo período de diagnóstico materno. Bahia, 2015 a 2020

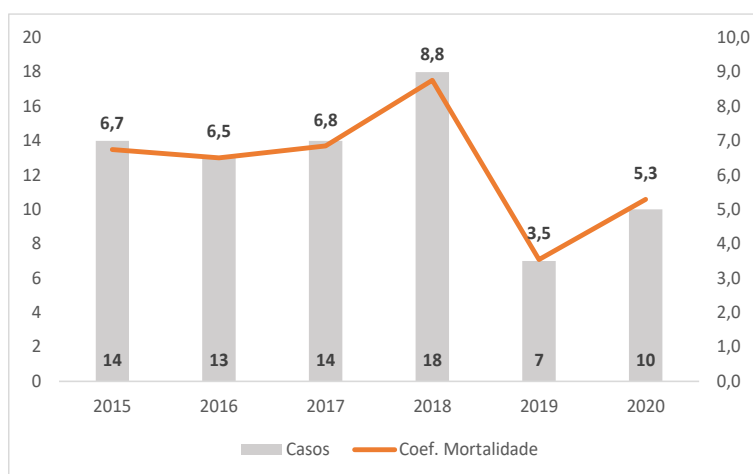


Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021

A figura 10 demonstra o momento diagnóstico materno da sífilis, onde 49,9% das gestantes obtém diagnóstico durante o pré-natal, 31,3% no momento do parto/ curetagem, 10% após o parto, 7,5% ignorado/ branco e 0,5% não realizado. Tais dados remetem às perdas de oportunidades de diagnóstico precoce, tratamento adequado e oportuno, monitoramento da reinfeção e sobretudo tratamento das parcerias sexuais. Ressalta-se a importância na qualificação no preenchimento das fichas de notificação, no que tange a completude dos dados, evitando-se assim ocorrência do campo ignorado/branco no banco de dados.

Figura 11: Coeficiente de mortalidade infantil por sífilis congênita. Bahia, 2015 a 2020.

Quanto ao coeficiente de mortalidade por sífilis congênita no período de 2015 a 2020, observa-se na figura 11, o ápice de óbitos em 2018 (8,8 óbitos por 100.000 habitantes). Redução importante em 2019 (3,5 óbitos/ 100.000 hab) e crescimento dos óbitos por sífilis congênita em 2020 (5,3 óbitos/ 100.000 hab), corroborando com os dados expostos anteriormente neste boletim epidemiológico.



Fonte: SESAB/ DIVEP/ SINAN. Acesso: 27/10/2021

Editorial

Secretaria da Saúde do Estado da Bahia - Sesab

Teresa Paim

Superintendência de Vigilância e Proteção da Saúde - Suvisa Rivia Barros

Diretoria de Vigilância Epidemiológica - Divep

Marcia São Pedro Leal Souza

Coordenação de Agravos - COAGRAVOS

Eleuzina Falcão

Elaboração

Carla Bressy

Rosângela Palheta

